

5.115FH
M.

O MUSEU PORTUENSE.

COMPRA

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS
INDUSTRIAES E BELLAS LETRAS.

Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.



PUBLICADO de AGOSTO de 1838 a JANEIRO de 1839.

PORTO:

NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:

LARGO DE S. JOAÕ NOVO N.º 12.

1839.

O MUSEU PORTUENSE

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS
INDUSTRIAS E BELLAS LETRAS.

COMPTON

Publicado de acordo com o regulamento da Sociedade

DA

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE



PUBLICADO DE AGOSTO DE 1838 A JUNHO DE 1841

PORTO:

NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:
LARGO de S. JOAO NOVO N. 12

1839

INDICE ALPHABETICO

DOS ARTIGOS CONTIDOS

NO

MUSEU PORTUENSE

Abluções	95	Hollanda	27	Imperatriz Josefina	43
Acido Prussico	87	Composições unctuosas	59	Imprensa movida por vapor	9
Adelaide de Sargans 154, 162, 186		— acidas espirituosas	59	Influencia da lua	106
Administração do Marquez de Pombal	67, 115	— metallicas e venenosas	59	Inscrição singular	64
Adubos d'agricultura	27	Confetarias	43	Intrigas Venezianas	101, 121
Affogados apparentemente	40	Confucio	160	Jão (D.) II de Portugal 139	156
Agricultura 44, 169, 183		Conspiração do Arcebispo de Braga	51	Jogo do Xadrez	18
Alcaçar de Segovia	29	— Cosméticos	58, 78	Ladrão (o) e o Sabio	95
— de Toledo	93	Crucificação propria	181	Laocoonte	17
Allen (Museu de)	152	Damião de Goes	2, 21	Lavoisier	96, 175
Almofarizes	42	Dentista	79	Lazzaroni de Napoles	81
Amizade	43	Destruição de Babylonia	137	Leite	43, 58
Anecdotas. Andare a Ripaglia	7	Diligencia ingleza	62	Lingua	80
— Atolar-se em deleites	7	Doces	42	Livros para os Cegos	64
— Economia do tempo	30	Dynastia Gothica hespanhola	14	Longevidade extraordinaria	175
— Efeitos da imaginação	30	Efeitos da imaginação	30	Loucura hereditaria	159
— O Arabe e o cavallo	64	Envenenamentos involuntarios	41	Lua	65
— D. Pedro o cruel	84	Epistola a um Amigo	56	Machinas de vapor 72, 85, 134	
— A primeira Parteira	95	Esboço historico de Veneza 54, 76		Mahomed VII	19
— Sixto V	95	Escovinhas para os dentes	79	Malta (ordem de)	170
— O ladrão e o sabio	95	Escravatura	146	Manteiga	42
— Casamento inesperado	97	Esperança	61	Manual Encyclopedico 112, 128	
— de ventriloquismo ... 110		Estados Unidos de America 162		Manufacturas de sedas	71
— Talleyrand	188	Estremoz	75	Marquez de Pombal	67, 115
Apteryx	12	Fabricação de relógios	50	Massas	42, 58
Arados	170	Fabula	144	Mechas de fricção	15, 80
Arcebispo de Braga (Conspiração do)	51	Fatima ou o thesouro encantado	70	Medalha d'ouro (premio) ...	30
Assignatura de Napoleão	98	Feiticeira (a)	159	Meios mechanicos	58
Astrologia	106	Freire Carvalho (obra de) 144, 174		Memorias de Buçaco	16
Azeite	42, 80	Friburgo (ponte pensil de)	168	Minas de America	159
Babylonia (destruição de)	137	Fricções	95	Missionario (o)	147
Bancos d'Economias	82, 99	Frei Gregorio de Jerusalem	101, 121	Monteverde, juizo critico da sua obra	112, 128
Banhos	58, 59, 94	Garganta	80	Morte (a)	191
Barcelona	105	Gatos de Angora	96	Motim do Porto	6
Batatas	96	Geada	133	Museu do Sr. Allen	152
Belzoni	171	Gelo	133	Napoleão	97
Bligh (o capitão)	126, 188	Gengivas	79	Natação	39
Boticas	43	Geografia dos antigos	130	Navegação polar	147
Brincos de crianças	43	Gerardo Giraldes	108	— por vapor	149
Cães contrabandistas	172	Gnomonica (problemas de)	111, 124, 141	Neve	133
Caminhos de ferro ... 23, 33		Governo	43	Newcomen (machinas de)	73
Candieiro de nova invenção	160	Guisados	43	Oleos para os cabellos	60
Carris-Artefactos	23	Halito	79	Omnibus	63
Carros	33	Historia de Portugal 67,	115, 139	Ordens militares	170
Carvão (minas de)	177	— da Suissa	154, 162	— Teutonica	89
Casas de pasto	43	Hollanda (colonisação da pobreza)	27	— de Malta	170
Casamento inesperado	97	Horrores do trafico da escravatura	146	Origem do nome de Figueiredo	13
Caso raro de somnambulismo	52	Horticultura	128	Ossos pisados	44
Castanhas bravias	32	Hugo (Tradição Teutonica)	90	Oviedo (reis de)	15
Cathedral de Sevilha	69	Idéa arabe	61	Palitos para accender por fricção	15, 80
Cavalleiro (o) do tribunal secreto	91	Idéa sublime	15	Panellas	42
Cegos de noute	175	Ilha de Pitcairn ... 126, 131		Papel de palha	160
Cid Campeador (romance do)	174	— da Madeira	164	Parabolas. A Caixa dos Pobres	11
Clara e Telho	31			— Nathan	30
Clemente XVI (pensamentos de)	158			— A Rosa mugosa	43
Colonisação de pobres em				— O Parsio, o Judeu, e o Christão	92
				— A Maçã	104
				— Os Nomes de Deos	143

INDICE ALPHABETICO.

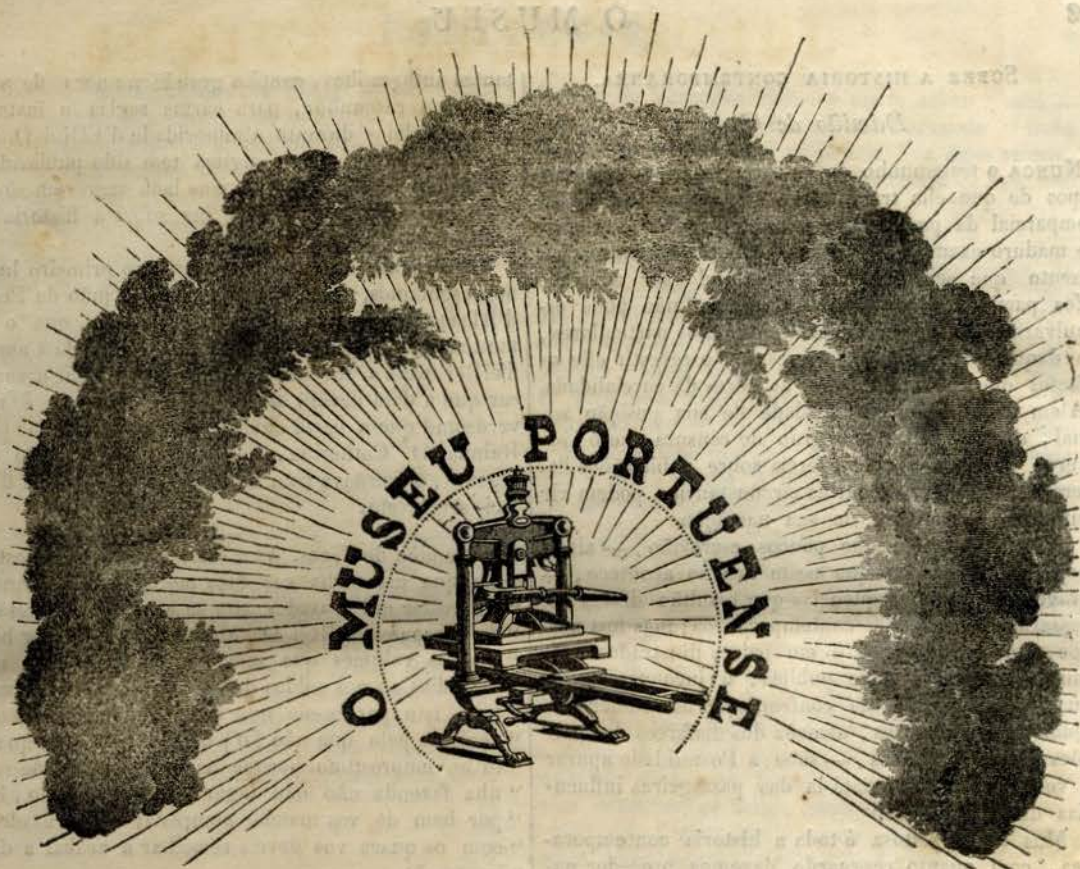
— O Gato.....	158	Rendimento d'um quintal em		Apteryx (o).....	12
— Thamyris	173	Londres.....	160	Arados	169
— O Pintor e o seu		Repouso.....	52	Armação d'um barco de vapor	152
Mestre	191	Republica de Veneza..	54, 76	Assignatura de Napoleão..	99
Parteira (a primeira)	95	Rodas movidas por agua..	176	Barcelona	105
Pederneiras	125	Romance do Cid	174	Boca d'uma mina de carvão	
Pedra philosophal.....	175	Salmoiras	42	de pedra	177
Pedro (D.) de Castella o		Salitre (abundancia de) em		Camara dos Representantes	
cruel	83	Hespanha	160	dos Estados Unidos	161
Pegadas antidiluvianas	174	Santarem	49	Carros movidos pela grava-	
Pelle	93	S. Sebastião	129	de sobre carris de ferro..	84
Pensamentos	96	Saraiva	133	Carris de ferro de rebordo..	25
— de Ganganeli.....	158	Satanaz	37	— de canto.....	26
Perigos da navegação polar	147	Sedas em Inglaterra	71	Cathedral de Sevilha.....	69
Picadella d'uma vespa	64, 176	Sello inviolavel	176	Crivo inclinado, e renques	
Pitcairn (ilha de)	126, 131	Sevilha	69	de carros de carvão....	180
Pombal (marquez de)	67, 115	Sixto V.....	95	Destruição de Babylonia ..	137
Ponte pensil de Friburgo	165	Solidões (as) de America... 47		Diligencia ingleza	62
Ponte de Rialto em Veneza	53	Som e Ruído.....	61	Disco da Lua	66
Pós para os dentes	59, 79	Somnambulismo.....	52	Estremoz	75
— para os espelhos fer-		Stael (M. ^{me})	188	Flocos de neve vistos pelo	
ruggentos	176	Surdo-Mudos	60, 144, 174	microscopio	133
Praça do commercio de Lx. ^a	114	Talleyrand.....	188	Gnomonica (estampas para	
Premio d'uma medalha d'ouro	30	Telegrafos	117	resolver problemas de) 111, 141	
Problemas de Gnomonica		Telescopios	88	Grupo de Laocoonte	18
.....	111, 124, 141	Telho e Clara	31	Imprensa typographica movi-	
Plano inclinado de Alpnach	189	Tendas	43	da por vapor	8
Quintal (rendimento d'um)	160	Thesouro encantado	70	Instrumentos de agricultura	
Quixote (D.)	160	Tivoli.....	142	169, 183, 184, 185
Receitas. Para pratear o latão.	16	Toledo (alcaçar de)	93	Lazzaroni de Napoles	81
— para conservar ovos frescos	16	Toucinho	42	Machina para moer ossos ..	43
— para conhecer os tartu-		Trabalho perdido	43	Machina de vapor de New-	
lhos venenosos	16	Tradição Teutonica	90	comen	73
— Para os fabricantes de ve-		Trafico da Escravatura	146	— de Watt	85
las de sebo	16	Tranquillidade	7	— de barcos de vapor 149, 152	
— Para envernizar a folha		Transpiração	93	Navio a receber carga de	
de Flandres	32	Tratamento da boca	78	carvão	181
— Para conservar as pelles	32	Tumulo de Napoleão.....	97	Omnibus	63
— Para fazer grude.....	32	Urcullu (tradução d'uma		Pederneiras (utensilios de)	125
— Para fazer cola de batatas	32	obra de)	144	Perfis dos assentos dos Car-	
— Para fazer sabão de Becour	48	Valencia.....	145	ris de ferro.....	27
— Para fazer massa e mol-		Vantagens das Machinas ..	35	Planos e perfis de carris de	
des de corno.....	80	— de Instrução.....	185	ferro	25, 26
— Azeite para os relógios ..	80	Vazilhas de barro e de metal	43	Ponte de Rialto em Veneza	53
— Betume	96	Ventriloquos	109	Ponte pensil de Friburgo ..	165
— Para conservar os anima-		Verdete remedio.....	96	Praça de Commercio de Lis-	
es estufados	96	Villa Velha	5	boa	114
— Para branquear o marfim		Vinagre	42	Prelo dissipando as trevas .	5
enegrecido	128	Violeta, suas qualidades me-		Rio Tejo junto a Villa Velha	1
— Para tirar a humidade		dicinaes	160	Santarem	49
das casas	192	Virtude	61	S. Sebastião	129
— Para limpar as garrafas	192	Vitalidade da mosca caseira	96	Satanaz jogando o Xadrez..	37
Reis de Oviedo	15	Xadrez (jogo do)	18, 37	Telegrafos e suas combina-	
Relógios (fabricação de) na				ções	117
Suissa	50			Telescopio de Herschel	88
Remedios. Para os apparen-				Tumulo de Napoleão em San-	
tamente affogados	40			ta Helena	98
— Para o caso d'engulir uma				Valencia	145
vespa	64			Vista telescopia do Disco da	
— Para a picadela d'uma				Lua	88
vespa	64, 176			Vista frontal e lateral d'uma	
— Para curar a esguma aos				machina para moer ossos	46
cães	176			Utensilios para fabricar pe-	
— Para o envenenamento do				derneiras	125
verdete	96				

INDICE

D A S

ESTAMPAS.

Alcaçar de Segovia	29
— de Toledo	93
Allegoria, o prelo dissipando	
as trevas	1



JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 1

1.º D'AGOSTO

1838

DEPOIS de varias contrariedades, ainda apenas aplanadas, apresentamos aos nossos assignantes o 1.º Numero do MUSEU PORTUENSE.

A tenção litteraria da publicação deste periodico é a divulgação d'aquelles conhecimentos uteis, que admittindo serem tratados sem a especialidade de principios scientificos, estão ao alcance de todas as intelligencias. O publico para quem é destinado é que sómente pode decidir se neste sentido fêre o alvo a que se dirige; e como os redactores não tem caprichos litterarios a sustentar, elles declaram que muito agradecerão toda e qualquer suggestão tendente ao melhoramento da redacção, ou qualquer artigo communicado que diga respeito aos fins propostos na publicação do Jornal; e tanto mais sollicitão elles esta coadjuvação quanto conhecem bem a difficuldade de tentar escrever, tanto para as classes que apenas contão os rudimentos da instrucção primaria, como para aquellas em que, se não faltão estes, faltão, contudo, aquellas generalidades, sem o conhecimento das quaes o homem mais sabio em uma ou outra sciencia, quasi se pode chamar ignorante.

E' claro que um tal periodico exige avultadas despesas e não pôde subsistir sem uma extensa circulação; mas debaixo do ponto de vista pecuniario não se deve considerar esta publicação como uma especulação de méro interesse. Os lucros, se os houverem, reverterão em beneficio do mesmo publico, porque se-

ção recolhidos por uma empresa que, instituida debaixo das intenções patrioticas de concorrer para o progresso da civilisação nacional, ainda não affrouxou em seus esforços, bem que em seguimento dos seus designios não tenha recebido até hoje senão prejuizos. E, comtudo, o impulso que a SOCIEDADE DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE tem dado ao aperfeicoamento entre nós da arte typographica, e a facilidade que seus prelos tem offerecido á divulgação das luzes por meio da imprensa, não admittem contestação.

Como os mais accreditados jornaes de instrucção popular que entre nós circulão, seremos obrigados, máo grado nosso, a recorrer principalmente ao estrangeiro para os typos solidos de metal fundido donde se tirão as impressões das estampas que ornão nossas paginas; porque infelizmente a arte de gravar em madeira é mui pouco cultivada entre nós, e o processo de passar debuxos em madeira a typos de metal* é, na pratica, totalmente ignorada. Mas tendonos entendido com dous artistas desta cidade para nos aproveitarmos de seus trabalhos, cedo procuraremos apresentar amostras de execução nacional.

Assim possão nossos esforços serem coroados da approvação de nossos concidadãos, em utilidade da Patria!

* A pouca dureza da madeira, que se gasta com repetidas impressões, exige este processo em publicações de extensa circulação. Teremos occasião de fallar da *Stercotypia*.

SOBRE A HISTORIA CONTEMPORANEA.

Damião de Goes.

NUNCA o testemunho da historia, escripta nos tempos de que ella trata, deve ser admittido no juizo imparcial da posteridade sem mui severo escrutinio e maduro exame. O historiador contemporaneo, por isento que seja, não pôde deixar de ser affectado dos partidos politicos do seu tempo, não pode esquivar-se de todo a amizades ou odios particulares, e daqui mui naturalmente resulta o revestir elle os factos que assignala, com as côres da parcialidade. Alem disto, a particularidade de sua posição social, o maior ou menor gráo de censura que o Governo de seus tempos exercia sobre publicações litterarias, e numerosas outras circunstancias, podem vir influir na contextura de sua narração.

Nos tempos em que poucos escrevião, — ainda hoje nos paizes em que assim mesmo acontece, — graves são as consequencias que resultão destas necessarias affectões dos contemporaneos; mas nos nossos tempos modernos e em paizes illustrados onde muito se escreve e se publica, o inconveniente é quasi nullo, porque da confrontação de numerosas opiniões e allegações, através dos disfarces das paixões e dos prejuizos, — sabe a Posteridade apurar a verdade, e desafronta-la das passageiras influencias da parcialidade.

Mas se suspeitosa é toda a historia contemporanea, com quanto resguardo devemos proceder naquella que é escripta debaixo das vistas do mesmo governo, sempre interessado na falsificação dos factos que o possão sujeitar á critica, ou que a politica dos tempos deseja encubrir, e quando o escriptor é Chronista assoldado!

Destinamos no artigo que aqui lançamos adduzir frisante prova da necessidade da desconfiança que recommendamos. Mostraremos a Damião de Goes, que em veracidade, independencia d'espírito, e desinteresse, a nenhum dos nossos Chronistas cede, não sómente dependente do Governo por seu cargo, mas ainda mais pela concessão de favores pecuniarios pedidos; vê-lo-hemos soffrendo que a politica d'estado lhe mutila um capitulo da Chronica que elle escrevêra de D. Manuel, em quanto que a lisonja, dissatisfeita com os elogios menos servis que elle tributara ao Cardeal D. Henrique, a quem endereçou esta sua Chronica, ousava substituir a outro capitulo seu um longo e florido discurso, que mal se quadra com a severidade de nosso Historiador, e, receamos, ás vezes, com a verdade.

Os documentos que apresentamos são originaes, e julgamos que, bem que conhecidos d'algum, vem a luz publica pela 1.^a vez. Encontramol-os n'uma collecção de papeis existentes na Bibliotheca Publica Portuense, que alem de varios curiosos e impor-

tautes autographos, contém grande numero de *normas*, ou rascunhos, para cartas regias e instrucções expedidas durante a minoridade d'el-Rei D. Sebastião. Destes papeis alguns tem sido publicados: outros ainda não o forão, mas bem merecem sê-lo, porque lanção consideravel luz sobre a historia secreta daquella minoridade.

O rascunho da carta regia, que em primeiro lugar apresentamos, julgamos traçado pela mão de Pedro d'Alcaçova Carneiro, Secretario d'Estado, que o remetteu a Pantaleão Rebello, Escrivão da Camara d'el-Rei para o trasladar a limpo. — E' facil o verificar que a data devêra ser 1566 ou 1567; e é mui verosomil que a carta enviada fosse as signada pela Rainha D. Catherina, que ainda que já não era regente, governava com tudo na caza e pessoa d'el-Rei seu Neto.

“Damião de Goes. Vi a carta que me escrevestes — em que me pedis vos faça mercê de vos mandar emprestar mil cruzados para se acabar a impressão da Chronica d'el-Rei D. Manuel, ou aja por bem que os volumes que saõ impressos se dem nas moradias ou nos soldos da gente da India. E quanto a isto parece-me que seria de grande inconveniente pelo que não [o] hei por bem. E quanto ao emprestimo porque as necessidades de minha fazenda não dão lugar a poder ser todo, hei por bem de vos mandar emprestar 500 cruzados, com os quaes vos deveis remediar a acabar a dita impressão.

“Vi os capitulos que me enviastes assim o que falla no Cardeal Infante meu Tio como o que toca ás cousas d'el-Rei Dom Fernando. No do Cardeal mandei emendar o que vereis, e no d'el-Rei Dom Fernando mudar o que tambem vereis pelo cader — no que com esta vai, conforme ao qual o fareis lançar em seu lugar.”

Seguem-se os 2 capitulos a que se refere esta Carta Regia, que vem a ser os Capitulos 23 e 27 da 3.^a Parte da Chronica d'el-Rei D. Manuel. O autographo é de letra clara e intelligivel, como varios manuscritos que temos visto de Damião de Goes, mas o texto original foi emendado, conforme se quiz, por interlineações e traços, de uma mão que nos parece ser do Dr. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda, que então figurava no Concelho d'Estado.

Para maior clareza, e para cabal intelligencia do leitor, daremos o 1.^o Capitulo do original de Damião de Goes, em que houverão emendas, do lado direito do leitor, e essas mesmas passagens emendadas, taes como as lêmos na Chronica impressa, do lado esquerdo. As passagens que não forão tocadas, e que por tanto são communs a Goes e a seu censor, irão atravez das 2 columnas do nossa periodico, ou de lado a lado da pagina.

C.^o AP 23. Do Concilio que o Papa Julio ordenou em Pisa, e liga que fêz com o Imperador Maximiliano, el-Rei Dom Fernando, e Suissos, contra “das practicas” que se movêrão entre el-Rei Dom Fernando, e el-Rei de Fez, e Molei Ale Barraxa, e d'outras particularidades.

NESTE anno de 1511 ordenou o Papa Julio Segundo concilio na cidade de Pisa, e porque nelle era necessario tratarem-se cousas que tocavão a algumas differenças que havia em Hespanha entre o estado ecclesiastico e o secular, el-Rei Dom Fernando mandou sobre este negocio a el-Rei Dom Emanuel Lopo Furtado de Mendonça, com cartas de crença, para com elle assentar o modo que se nisso havia de ter: sobre o que el-Rei Dom Emanuel mandou a Castella Joanne

em Pisa, e liga que fêz com o Imperador Maximiliano, el-Rei de França e Venezanos e

“dos tractos que” el-Rei Dom Fernando “moveo com” el-Rei de Fez e Molei Ale Barraxa “e causas porque não passou em Africa, e recados que mandou a el-Rei Dom Emanuel pedindo” lhe a Rainha Dona Joanna Excelente Senhora “para casar com ella,” e d'outras particularidades.

Mendez de Vascogoncellos, e assim sobre "algu-
"mas practicas que soube que se movião entre" el-
Rei Dom Fernando "e el-Rei de Fez e Molei Ale
"Barraxa que podião ser de muito prejuizo" a es-
tes reinos, "nas quaes per papeis e lembranças se
"achou que se procedia pelo modo que se segue.

Mendez de Vascogoncellos, e assim sobre "uma li-
"ga secreta que" el-Rei Dom Fernando "tinha
"feito com mouros mui prejudicial" a estes reinos,
"na qual procedia com muita instancia" pelo mo-
do que se segue.

Havia neste tempo um fidalgo em Castella per nome Dom Pedro o bastardo: este por ser pessoa de
qualidade foi em parte causa das grandes desavenças e desconcertos que houve entre Dom Philippe
Archiduque d'Austria, e senhor dos estados de Flandres, e el-Rei Dom Fernando seu sogro, por ra-
zão dos quaes desconcertos este Dom Pedro, com medo d'el-Rei D. Fernando, por lhe nelles ter
feito deserviços se lançou em terra de Mouros, onde andou algum tempo em caza de Molei Ale Bar-
raxa, que entre os Mouros era um grande senhor; per cujo meio houve este Dom Pedro perdão d'el-
Rei Dom Fernando, e se veio para Castella com algumas instrucções de Ale Barraxa para el-Rei Dom
Fernando, em que se continha, que, promettendo-lhe de vir sobre o reino de Fez, elle o ajudaria
com condição que, tomando o reino o fizesse a elle Rei, e que, vindo o negocio ao fim que deseja-
va, elle queria ficar seu tributario, e obedecer em tudo aos reis de Castella.

Deste recado "mostrou" el-Rei Dom Fernando
"lançar" mão, "não se lembrando tanto como era ra-
"zão" das capitulações das pazes "feitas entre os
"reis destes reinos e os de Castella," confirmadas
por elle mesmo e pela rainha Donna Isabel de Castel-
la sua mulher já defunta "e d'outras razões que não
"podião nem devião em algum tempo esquecer:" de
terminou "proceder adiante por este negocio, e para
isso" tornou a mandar este Dom Pedro com cartas
de crença para Molei Ale Barraxa e outras para Mo-
lei Mafamede,

Deste recado "lançou" el-Rei Dom Fernando mão,
"e sem se lembrar da fé e amizade que era obri-
"gado manter aos reis de Portugal assim por vir-
"tude" das capitulações das pazes confirmadas por
elle mesmo e pela rainha Donna Isabel de Castel-
la sua mulher já defunta "como polo grande devi-
"do que entre elles havia, amor e obediencia que
"lhe el-Rei Dom Emanuel tinha, fazendo delle con-
"ta como de pae," determinou "de pôr este ne-
"gocio em obra e se fazer rei de Fez, posto que
"pelas demarcações feitas entre os reis de Castella
"e Portugal, ficasse este reino na conquista e demar-
"cações destes reinos, e para effectuar este negocio"
tornou a mandar este Dom Pedro com cartas de
crença para Molei Ale Barraxa, e "para mor dis-
"simulação levou" outras para Molei Mafamede,

com as quaes cartas e instrucções foi ter a Alcacer-ceguer com cartas de encomenda de Dom João
da Fonseca, Bispo de Palença, para Dom Rodrigo de Souza que então era capitão daquelle lugar,
pedindo-lhe que lhe desse modo para poder passar em Fez, por quanto hia outra vèz fugido do reino, por
caso das desavenças d'entre el-Rei Dom Fernando e el-Rei Dom Philippe seu genro em que o culpáram.

Dom Rodrigo que era sagaz, suspeito de este mensageiro o deteve alguns dias sem lhe dar avia-
mento para passar adiante, e entre praticas que tiverão achou que suas palavras não concertavão bem,
pelo que fêz tanto, que por manha houve ás mãos as cartas, e instrucções que levava em cifra, de
que logo mandou o treslado a el-Rei Dom Emanuel,

"pelas quaes se entendeu o grande prejuizo que des-
"ta negociação se poderia seguir a estes reinos, sen-
"do o reino de Fez, per virtude das demarcações
"feitas entre os reis de Castella, e os de Portugal,
"de sua conquista e demarcação;"

e ao Dom Pedro, para mais dissimulação deixou ir com seu recado.

"Continha-se em summa nos apontamentos que es-
"te Dom Pedro levava para Molei Mafamede Rei
"de Fez, que se fizesse vassallo d'el-Rei Dom Fer-
"nando com tributo de mil dobras zeinas, e lhe
"desse scala franca de todas as mercadorias que
"fossem de seus reinos para os de Fez, e que
"no dito reino de Fez não entrasse outras merca-
"dorias senão as que el-Rei Dom Fernando lá man-
"dasse, de que os queria prover em abastança em
"navios seus proprios, e que para segurança dos
"navios e mercadorias lhe desse arrefens, e forta-
"lezas na costa do mar, e lhe entregasse todas as
"fustas e navios de remos que houvesse no reino
"de Fez, e ao diante se não fizessem mais nenhuns
"que fossem de remo; e que fazendo isto haveria
"entre elle e seus reinos paz perpetua. Os quaes
"artigos erão tão desarrezoados, que bem sabia el-
"Rei Dom Fernando que não havia el-Rei de Fez
"de consentir nelles, para com esta aução dar côr
"á guerra que lhe queria fazer.

"Os apontamentos para Molei Ale Barraxa con-
"tinham que tivesse prestes todos seus vassallos,
"amigos, e alliados, para que entrando el-Rei Dom
"Fernando no reino de Fez, lançasse com menos

Para "este negocio,, fez "el-Rei Dom Fernando,, logo uma grande armada, sem divulgar para onde, senão que para contra infieis,

a qual estando prestes para sair de Malaga, recebeu cartas do Papa Julio segundo, em que lhe dava conta d'uma liga que era feita contra elle por el-Rei Luiz de França dozeno do nome, e Venezeanos, pedindo que o ajudasse, que o mesmo fazia o Imperador Maximiliano, e Suissos, de que el-Rei Dom Fernando ficou muito triste, por lhe ser forçado deixar esta empreza, em que queria entender, e escreveu a el-Rei " Dom Emanuel ,,

uma carta feita em Sevilha, por Almação seu secretario, aos 21 dias de Maio de 1511, muito desgostoso, e pesaroso das differenças que havia entre o Papa, e el-Rei de França, e guerras que se de taes desconcertos esperavão entre christãos. Pelo qual respeito, e por sanear as cousas do reino de Napoles, que ainda não tinha bem seguro, se mettu na liga do Papa, Imperador, e Suissos, desejando muito de metter el-Rei Dom Emanuel nella, o que elle nunca quiz fazer, do que foi mui anojado; ao qual nojo se ajuntou virem neste tempo ao porto de Lisboa seis galés de França, de que era capitão Pedro João, a quem el-Rei fez muita honra, e lhe deu mantimentos e pilotos, o que se não fizera, ellas não poderão seguir viagem por virem muito desbaratadas do caminho; do que el-Rei Dom Fernando mostrou " muito grande descontentamento. ,,

" dificuldade do reino Molei Maphamede, e o fizesse a elle rei, ficando seu vassallo.

" El-Rei Maphamede posto que naquelle tempo estivesse fraco de gente pela muita que lhe morrera de peste os annos atras perto do seu reino, não quiz responder aos apontamentos que levou Dom Pedro, pelo que el-Rei Dom Fernando se alliou com Molei Ale Barraxa, para o que,, fez uma (grande) armada sem divulgar para onde, senão que para contra infieis " que foi a melhor e de mais gente e mais nobre que de muitos annos sahira de Hespanha. Com,, " mui triste por perder uma tal empreza. Contra aqual " sabendo el-Rei Dom Emanuel disso a certeza, ordenou uma armada para passar em pessoa em Africa, " sob côr deir fazer guerra aos mouros, e estando prestes " com já ter mandado fazer estribarias em Tanger, Argilla, e Alcacer, lhe escreveu el-Rei Dom Fernando

" muita indignação, dizendo que el-Rei favorecia os scismaticos que fazião guerra á Igreja e ao Papa, dando " mostras e signaes que era bem que se fizesse guerra " aos reinos de Portugal; o que os grandes e senhores " de Castella lhe contrariarão e estranharão muito.

" Alem do que por effectuar o que desejava escreveu muitas vezes a el-Rei Dom Emanuel pedindo-lhe que desse licença para vir a Lisboa com " cento de mulas. a ver sua filha e netos para nelles " pôr os mestrados de Castella. Mas como el-Rei " Dom Emanuel soubesse de certo que sua tenção " era de rosto a rosto lhe vir pedir que quizesse entrar com elle na liga do Papa, Imperador, e Suissos, contra França, escusou estas vistas sem " querer dar a entender o que sabia do conceito de " el-Rei seu sogro. O qual rei Dom Fernando andando nestas ligas, mandou secretamente o Duque " d'Alva a este reino com recado a el-Rei Dom Emanuel pedindo-lhe a rainha D. Joanna Excelente " Senhora para casar com ella, prometendo-lhe se o " fizesse que livremente lhe soltaria o reino de Galiza para se ajuntar á coroa do reino de Portugal. " O que pareceo que devia de fazer por um de dous " respeitos; ou remordido de sua consciencia de saber que os reinos de Castella e Leão pertencião a " esta Senhora, a quem os elle tirara á força d'armas, " como na Chronica do Principe Dom João por extenso declaro, ou por dar desgosto a el-Rei Dom " Philippe seu genro, com quem neste tempo andava em grandes desavenças. Do que se el-Rei Dom " Emanuel escusou pelo melhor modo que pode, " porque sabia que de taes alianças se poderião entre " estes reinos e os de Castella recrescer outras taes " guerras e peores do que forão as passadas.,,

Neste anno proveu o Papa Julio, a petição d'el-Rei Dom Emanuel, Dom Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, irmão do Cardeal de Portugal Dom Jorge da Costa, do capello de Cardeal, e o breve disso mandou a el-Rei, e por outro breve suspendeu este secretamente com um credito que deu a um Frei Vicente para el-Rei, em que lhe mandava dizer que na primeira criação de Cardeaes declararia a qual dos prelados de Portugal dava o capello; do que el-Rei mostrou ser mui anojado. Com tudo suspendeu-se que o Papa não fizera tal mudança senão a seu requerimento; mas em instrucções que eu achei d'el-Rei para os embaixadores que tinha em Roma, e cartas que escreveu sobre este negocio ao Papa, elle mostrava ter disso muito descontentamento. Mas por muito que el-Rei insistisse neste negocio diante do Papa, o Arcebispo Dom Martinho ficou sem haver o Capello de Cardeal. (O 2.º Cap.º no n.º seguinte.)



O RIO TEJO JUNTO A VILLA-VELHA.

O TEJO entre os rios da Península occupa pre-eminentemente lugar, assim pela extensão de seu curso como pelo caudal d'agnas que arrasta. Sua nascente, denominada *Pé-esquerdo*, é situada na *Muela* * de *S. João*, monte que a neve não desampara durante 8 mezes no anno, e que, collocado ao Norte da villa de Albarracin, pertence a uma ramnificação da grande cordilheira que desde as fontes do Ebro abraça a Hespanha de Norte a Sul por Oca, Urbion, Moncayo, Molina, Albarracin e Cuenca. Estas montanhas, conhecidas dos geographos modernos pela denominação de *Ibericas*, erão as *Idubadas* dos antigos, e servião de limites á grande

divisão de Hespanha chamada *Celtiberia*. Diz-se que offerecem os cumes mais elevados de todo esse reino; e abundão em magestosas arvores, que tem soffrido consideravel desbaste pelo grande numero de forjas que ha neste districto; pois aquella extensão da Cordilheira a que se encosta Molina é tão fecunda em metaes que toma aqui o nome de *Serra Mineira*. Entre outras minas são vulgarmente conhecidas as de ferro de *Ojos-negros*, que fornecem as officinas de Albarracin e Cuenca. — A uma legua de distancia da nascente do Tejo, e ao Oeste de Albarracin vê-se a origem do rio Guadalaviar, que na direcção do Sul vai desembocar no Mediterraneo junto a Valencia, com o nome de *Túria*.

O Tejo segue seu curso de Leste a Oeste, e não longe de sua nascente, já engrossado de va-

* *Muelas* chamão os Valencianos aos montes que reunidos á roda d'um centro offerecem no cume deste uma planicie. *Muela* significa *Dente molar* donde derivão, e com acerto, a similhança.

rios regatos, passa pelas campinas a que dá seu nome, e entra na provincia de Cuenca, á qual em varios pontos separa das de Soria e Guadalajara. Em Cuenca recebe do lado direito o Ocoseca, o Cabrilla, e o Gallo; em Guadalajara o pequeno rio de Cifuentes; e logo se enriquece dos tributos do Guadiela, já reunido ao Escabas e outros rios de menor monta. Depois desta confluencia, e de ter passado por entre as montanhas que dão formação a varios saltos ou cataractas, corre mansamente por meio dos campos de Zurita, banha os esplendidos jardins de Aranjuez, e recebendo do mesmo lado o Jarama reunido com o Tajuna e o Henares, circunda os muros de Toledo, passa por Talavera-de-la-Reina e a Ponte do Arcebispo, e corre por baixo da antiga e altiva ponte de Alcantara. Tres legoas abaixo desta cidade elle serve de limite a Portugal e Hespanha, até que junto ao forte de Montalvão se entrega de todo ao dominio Portuguez. — Daqui passa por Villa-Velha, por Abrantes, Santarem, e lugares de menor conta, e deixando Lisboa em sua margem direita, desemboca no Atlantico por uma espaçosa boca que do lado do Sul apresenta um cabedello extenso de area, e pelo norte uma larga barra de 1293 braças (entre o forte do Bugio e o de S. Julião) para navios do mais alto bordo.

Diversas são as feições de paisagem que offerecem as margens que marcão seu prolongado curso de 160 legoas.

Os campos que atravessa logo depois de sua nascente e aquelles de Zurita apresentam as características de amena fertilidade. Junto a Alcantara corre por um valle estreito n'um leito profundo que nunca conta menos de 7 braças no verão, e no inverno ás vèzes excede 27. Desde Alcantara até Montalvão ha vistas mui pittorescas ainda que extremamente solitarias, porque pelo espaço de 10 legoas são suas margens incultas e inhabitadas. Depois de entrar em Portugal corre por entre montes até Villa-Velha, onde altissimos rochedos talhados a pique formão a romantica passagem que forma o objecto da gravura que precede este artigo. Não falta quem tenha achado no Tejo lembranças distantes do Rheno, e que sómente a falta de população impede realizar.

Alem dos rios que temos referido como tributarios do Tejo, podemos nomear entre aquelles situados em Portugal, — do norte o Elgas, o Ponsel, o Laca, e o Zezere, — do Sul o Sever, o Alpiarça, e o Almanzor. Antes de formar a magnificente bahia de Lisboa, divide-se este rio em varias bocas, ou vallas, das quaes duas, a do Norte (por Villa Franca) e a do Sul (por Camora e Benavente) servem á navegação. Todo o curso do Tejo é navegavel em territorio Portuguez para barcos de maiores ou menores dimensões; e já o foi até Toledo, onde a *Plazuela-de-las barcas* era o cáes de amarração. De muito maior utilidade seria este rio ao Commercio se suas esparsas vallas fossem devidamente encanadas.

RELAÇÃO DO MOTIM QUE HOUE NA CIDADE DO PORTO EM 4 DE MAIO DE 1661.

por um Contemporaneo.

NA manhã do dia 4 de Maio se tinha passado ordem a todo o official de justiça para que não despachassem papel algum que não fosse do Sellado, de maneira, que muitas petições se não quizerão despachar: o que vindo á noticia do povo, com outros

ameaços de mais tributos, determinarão os procuradores e mais officaes do povo irem á Camara onde se estava tratando de escrever a S. Magestade, e de elegerem os que a isso havião de ir á Córte. Entrados dentro os ditos procuradores, se ficou de fóra o povo, que erão rapazes, algumas mulheres, e poucos homens, os quaes ouvindo que dentro havia bulha sobre haver-se de mandar ou não mandar, e vendo se lhes fechava a porta da Camara, temendo que collidos dentro seus procuradores os fizessem assignar, começaram a gritar que lhes abrissem as portas.

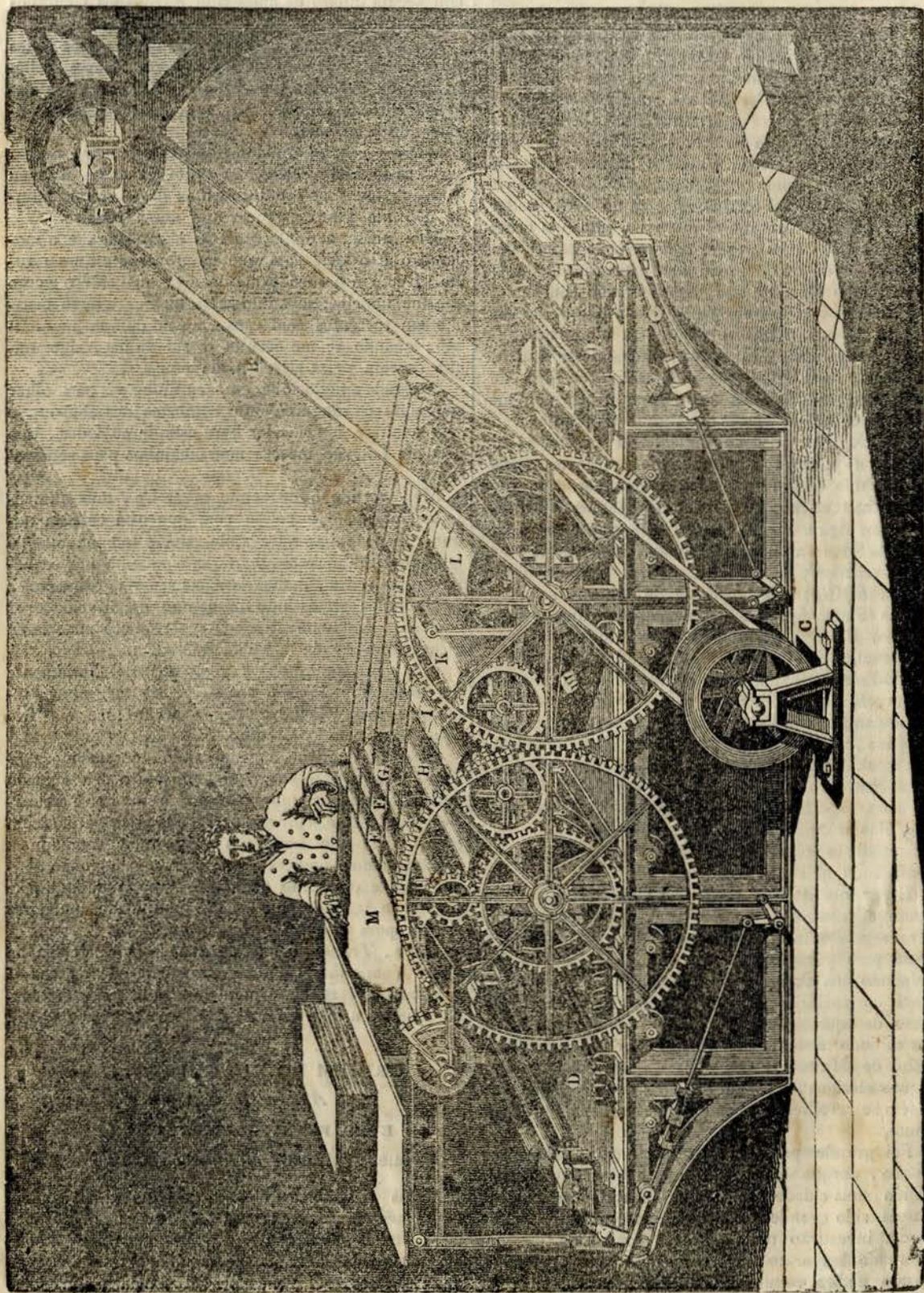
Como isso se não fizesse tratárão de as romper, quando sahindo os procuradores, começou o povo a clamar: "Viva El-Rei Dom Affonso, e morrão os traidores!" e logo vindo correndo da Camara pela Bainharia abaixo bradando "Aqui do Povo!" se ajuntou mais gente, e toda veio ao Arco de S. Domingos a caza do Thesoureiro da cidade, onde estava muito papel sellado. Aqui lhe quebrarão as janellas e portas com pedradas, o que visto por elle, lançou todo o papel pela janella á rua, onde, tomado pelos rapazes e pelas mulheres a unhas e dentes (como ouvi a muitas pessoas) o fizerão pedaços; e logo veio carqueija e fogo para o poreim ás cazas, e sem duvida o poriam se não fora que acudirão os Dominicos, que com boas palavras apaziguarão a cousa. Dahi correu o povo a caza de Assenço Dias, o recoveiro, a quem quebrarão as janellas e as escadas, até que lhes entregou todo o papel que tinha, e levado nas balanças que estavam no portal á Rua Nova a tudo pozerão fogo. E crescido já mais o povo e o furor, se forão a caza do Juiz da Alfandega, pegado com a Misericordia, ao qual não acharão em caza por estar ausente, ainda que alguns querem que fosse por velhacaria sua o ausentar-se depois de ter já assignado; e por se colligir delle isto, e tambem por ser parente de Gaspar de Abreu, sobre o qual clamava o povo como auctor de tal obra, o buscarão com maior sêde, e sem duvida o farião pedaços se o acharão, como fizerão ás portas e janellas; e depois de quebradas estas remetterão ás cadeiras, e bofetes, e escriptorios, e com o mais que acharão tudo veio das janellas abaixo em pedaços á rua, incluidas algumas peças d'ouro de muito valor; e muita papelagem que dizem era de grande importancia se fez em polme, e até um quarto de vinho se abriu, o qual aos chapeos cheios lançarão os rapazes pelas janellas sobre a gente; de maneira que em muito breve tempo se viu tudo na rua destruido e despedaçado, que era lastima o vê-lo. Em tanto avisarão o Cabido, o qual sahio logo com a custodia do Ss^{mo} Sacramento que levava o Provisor, com muitos ecclesiasticos e gente para atalhar o furor do povo, que neste tempo enfadado de destruir tudo quiz rematar pondo fogo ás cazas do Juiz da Alfandega; mas fazendo-o pela parte do quintal a um palheiro, e sendo advertidos que arderia a Misericordia, acudirão a apaga-lo.

Dahi se forão a caza do Corregedor da Comarea para que lhes entregasse a Provisão de S. Magestade, o que sabido delle, os esperou com ella á porta e lhes a entregou dizendo *era tambem povo*; ao que responderão rasgando lh' a na cara.

O que feito se forão a caza do Governador, mas encontrando o Sacramento em S. Bento das Freiras com muito trabalho os impedirão na passagem adiante, e os fizerão vir pela rua dos Canos até á Misericordia onde estava outra parte da gente do povo, que vendo não vinha entre aquelles Luiz da Silva, Procurador, começaram a gritar não havia de passar o Sacramento, até se lhes não entregar o dito pro-

duque de Saboya; homem voluptuoso que debilitado pelos prazeres e os annos, deu na mania de se retirar do mundo, e ser Anacoreta; não para mortificar-se e fazer penitencia, senão para gozar do repouso que o cansaço dos seus sentidos requeria. Havendo pois abdicado o poder supremo dos seus estados em seu filho, se uniu a seis cavaleiros, distinctos pelo seu valor, todos elles de mais de sessenta annos, e se retirou ao seu mosteiro, para viver alli com quantas commodidades podessem appetecer. As conveniencias de que gozavão, derão occasião

ao rifão italiano e francez acima posto. Cansado Amedeo d'estes prazeres tranquilllos, deo outra vez azas á sua ambição, e conseguiu ser eleito Papa, pelo concilio de Basilea em 1439, tomando o nome de Felix V. Desgostado novamente do dominio e da tiara, e renunciando o pontificado em 1449, retirou-se segunda vez a Ripaglia, feito bispo de Genebra. A sua morte aconteceu em 1451: o mosteiro foi dado aos Cartuxos em 1630, e em 1793 foi vendido, com as suas terras, a varios particulares.



IMPRESA TYPOGRAPHICA MOVIDA POR VAPOR.

DAS IMPRENSAS TYPOGRAPHICAS MOVIDAS
POR VAPOR.

Por expedita que seja a operação das impressas typographicas usuaes, não pôde este meio satisfazer ás necessidades das publicações periodicas, entre cujos numeros successivos medião curtos intervallos de tempo.

O *Penny Magazine* e o *Magazin Pittoresque*, periodicos que semanalmente se publicão, o 1º em Londres, o 2º em Pariz, contão pelo menos 100.000 assignantes. Repartido este total de exemplares pelos 6 dias de trabalho em cada semana, seria necessario que em cada dia se imprimissem 16.666 exemplares.

Nas mais perfeitas impressas manuaes dous homens robustos não podem imprimir (trabalho regular) mais de 250 folhas de papel, de um só lado, em uma hora; em 8 horas de trabalho diario poderão imprimir 1000 folhas d'ambos os lados. Para a impressão d'um dos referidos periodicos, 16 impressas e 32 homens trabalhando simultaneamente em 8 horas por dia, não poderião dar conta da tarefa dos 100,000 exemplares n'uma semana.

E ainda quando os homens se revezassem e o trabalho continuasse de dia e de noite não poderião 5 impressas com 10 fôrmas idênticas (2 para cada imprensa — sendo uma para cada lado da folha que se imprime) concluir a tarefa, simplesmente da impressão.

Em todo este calculo não mettêmos em conta o tempo exigido para a *composição* * do periodico. — Mas o uso dos terminos technicos *fôrma*, *impressão*, e *composição*, exige que, para clareza, recopilemos o processo da typographia.

Os *typos* são pequenos solidos, (d'um composto em que chumbo e antimónio são os principaes ingredientes,) terminados em uma de suas extremidades pela impressão em relevo d'uma das letras do alphabeto, ou d'algum dos signaes usados na escrita como pontos, parentheses &c. Para o uso typographico achão-se estes typos distribuidos nos varios reparti-mentos d'uma grande estante, denominada *caixa*, em cada um dos quaes se contem certo numero de typos d'uma só letra, ponto, &c.; a saber: n'um repartimento os *a*, n'outro os *b*, e assim por diante. E' de notar que estes caracteres não se achão distribuidos nos reparti-mentos em stricta ordem alphabetica: isto é: o 1º repartimento não contem os *a*, o 2º os *b*; mas as letras estão de tal forma arrumadas que aquellas que mais usualmente se encontrão na lingua em que se escreve, (como na Portugueza os *a, o, e, i,*) são as que se achão na parte da estante que fica mais proxima da mão direita do official que as manusea; e é claro que estas letras devem achar-se em maior sortimento comparado com o das outras menos frequentes. *

* A impressão de cada numero do jornal popular Francês o *Museu das Familias*, quando tinha 45.000 assignantes, durava 8 dias não obstante a rapidez do trabalho das impressas por vapor que se empregavão. A dobra das folhas e a brochura occupavão outro tanto tempo; — de maneira que para haver regularidade na distribuição do jornal [que era semanal] era necessario que cada numero se imprimissem 15 dias antes d'aquelle em que se publicasse.

* A mão direita d'um bom *compositor* percorre durante os 300 dias de trabalho do anno um espaço igual a 380 leguas portuguezas de 18 ao grão; e é mui provavel que uma mais aperfeiçoada disposição das letras nos reparti-mentos da caixa lhe poupsse 15 a 20 leguas no decurso do anno, ou proxivamente 2º dias de trabalho annuaes.

Em 100,000 letras de toda a especie a lingua Francêza exige 600 *l.*, a Inglesa 8000; a 1.ª 5000 *a*, a 2.ª 8500; a 1.ª 6000 *t*, a 2.ª 9000; e são sómente a lingua que infue, mas tambem a especie de *composição*. As peças dramaticas exigem um grande n.º de letras que mar- ção as segundas pessoas dos verbos e os pronomes correspondentes — por ex.º *e, o, e s* para *ós* &c.

O *Compositor* é o official que, entregue do *original manuscripto* que se trata de imprimir, colhe da estante, ou *caixa*, uma a uma as letras que compoem as palavras e reune-as para formar uma completa copia. Para esse fim trabalha elle com uma pequena regoa na mão, com rebordos por 3 lados, chamada na arte *componidor*, em que vai collocando letra por letra até formar palavra, e palavra por palavra até formar linha; ao lado d'uma linha ajunta outra até que *compostas* 10 ou 12 linhas, elle passa-as com cuidado a outro iustrumento mui semelhante ao *componidor* mas de maior extensão, denominado *galera*, distribuindo sua composição em paginas quando tem materia sufficiente para a impressão d'uma folha por ambos os lados.

A largura das linhas, o comprimento das paginas, e o n.º dellas, são circumstancias determinadas pelo *formato*, ou o numero de *dobras* em que fica cada folha de papel depois de impressa. O formato de *folio* ou *folha* não tem dobra alguma senão a usual, e terá portanto 4 paginas; o formato de *quarto* tendo 4 dobras terá 8 paginas; — e é claro, que devendo neste formato ficar 4 paginas d'um lado da folha do papel de que se usa, e 4 do outro, é necessario, para que a folha quando impressa se possa convenientemente dobrar pelos encadernadores, que a distribuição das 8 paginas se faça segundo indica a figura seguinte: —

Lado da folha externa

3	8
4	1

Lado da folha interno

7	5
6	3

A cada um destes grupos se chama *fôrma*, e a aquelle que constitue o lado interno da folha começando pela pagina 3 é a *fôrma da reiteration*; de uma palavra latina que indica que *volta á* imprensa. A este arranjo das paginas se chama a *paginação*, e é susceptivel de bastante complicação.

Dispostas as paginas em sua ordem conveniente, são firmemente sujeitas com cunhas de madeira a um caixilho de ferro (donde deriva o nome *fôrma*,) e collocadas, uma *fôrma* por cada *vêz*, na *meza* da imprensa manual. Daqui por diante ficão entregues aos *impressores* propriamente denominados.

Communica-se então a tinta com toda a igualdade por cima da superficie que apresentão os caracteres. E' isto effeituado por meio d'um rôllo, impregnado de tinta e movel sobre seu eixo, que se passa ao longo da *fôrma*. Um mecanismo simples traz depois a folha de papel em contacto com a *fôrma* pronta, e sujeita á pressão forte d'uma prancha de ferro da imprensa, ficão os caracteres impressos no papel. Repete-se este processo tantas *vêzes* quantos são o numero de exemplares da edição. Completos estes, retira-se a 1ª *fôrma* da *meza*, e collocando-se a 2ª, passa-se á *reiteration*, quando cada folha de papel *torna á* imprensa para receber a impressão pelo seu outro lado.

Tornêmos agora aos nossos calculos. Dissemos que tinhamos omittido fallar no tempo exigido para a *composição* da folha. Este tempo deve variar segundo o formato do livro e a grandeza do typo, mas é evidente que deve consideravelmente augmentar a demo- nra da final publicação do periodico, e é tambem claro quão dispendioso e moroso seria a *composição* simultanea do mesmo *original* em um grande numero de *fôrmas* para simultaneamente empregar um grande numero de impressas. Isto mesmo seria *as* *vêzes*

quasi impossível. Quando todo o original que deve compôr o N.º inteiro é entregue d'uma só vez e com antecedencia, alguma cousa se pôde abbreviar o tempo da *composição* entregando porções separadas delle a diversos compositores, cujos contingentes facilmente se reúnem. Mas quando o *original* vem entrando na officina em porções successivas até á ultima hora, como nos periodicos diarios, o trabalho da *composição* attraza mui principalmente o progresso da *impressão*.

Passemos agora á consideração dos inconvenientes que acompanham a publicação dos periodicos diarios por meio das impressas mannaes.

O *Constitutionnel*, jornal francêz, tinha, em 1829, 18.000 a 20.000 assignantes; o *Journal des Debats*, 13.000 a 14.000; os jornaes inglêzes *Times*, *Morning-Herald* e outros, podem classificar-se com os citados. Já vimos a quasi impossibilidade que há, em geral, de fornecer no decurso de 24 horas um tão subido numero de exemplares; mas nos jornaes inglêzes accresce, em difficuldade, o formato gigantesco de suas folhas, que contem, e mui principalmente os numeros dobrados que ás vezes publicação, mais letras do que serião necessarias para compor um livro em 4º de modico volume. Ainda ha outro obstaculo a vencer e vem a ser a necessidade que tem os Directores de taes gazetas, de dar ás 6 ou 7 horas da manhã relação circumstanciada do que se passou nas sessões antecedentes dos Corpos Legislativos, que começadas ás 9 horas da noute se prolongarão até as 4 horas da mesma manhã da publicação do jornal; porque o publico Inglêz não se satisfaz, como nós outros, com o conhecimento do que se passou em suas Camaras, referido na Capital 2 ou 3 dias depois, e nas Provincias com o atrazo de 15 dias. Digerem as noticias da vespera com o seu almoço subsequente.

A principal difficuldade a vencer era a da *impressão* — que as demoras da *composição* erão susceptiveis de remedio, tanto pelo emprego de grande numero de compositores, como pela continua remessa de original que os tachygraphos * das Sessões Parlamentares enviávão em pequenas porções ao modo que dos seus apontamentos apurávão os discursos dos oradores. Dirigidos assim os esforços dos homens mechanistas para a maior rapidez da *impressão* inventarão-se as *Impressas por Vapor*, que devidas em 1814 a Koenig, natural de Saxonia, residente em Londres, forão logo simplificadas e melhoradas por Applegath, e subsequentemente aperfeiçoadas por Cowper e outros.

Ha varias especies de *Impressas por Vapor*, que se classificão por seus efeitos. Distinguiremos:

1.º Aquellas que imprimem cada folha de papel, que lhes é submettida, por um só lado: exigindo portanto que a folha lhes seja entregue 2.ª vez para ser impressa do reverso, ou em termos technicos para a *reiteração*. Nas Officinas de *Cloues* em Londres trabalham 16 destas impressas, dando cada uma 1500 impressões por hora.

Esta especie de impressas pode variar em grandeza de dimensões e em força de execução. A ella pertencem as maquinas gigantescas do *Jornal Diario Times*, nas quaes se imprimem 4 folhas de papel

* Os jornaes Ingleses que dão relação minuciosa do que se passa e diz em suas Camaras Legislativas tem cada um mais que um tachygrapho para cada Camara: supponhamos 6. Cada um destes assiste e toma apontamentos na sua camara competente pelo espaço de $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{2}$ d'hora, tempo passado o qual é revezado por outro, e este passado sua meia hora é da mesma forma substituído, e assim por diante. Cada um á maneira que se retira transcreve seus apontamentos em lingua corrente, e o *original* assim compilado é immediatamente entregue nas mãos dos compositores. Deste modo os compositores nunca estão parados, e pouco tempo depois de terminada a sessão está terminada a *composição* do *Jornal*.

de cada vez, e cada hora appresenta 4000 impressões, ou 66 por minuto.

Ainda mais extraordinarias são as impressas de vapor de Taylor, que admittem uma folha de $10\frac{1}{2}$ palmos de comprido por $5\frac{1}{4}$ de largo, e dão 5500 impressões por hora, ou 91 por minuto.

2.º Aquellas que imprimem a folha que lhes é submettida, de ambos os lados immediatamente; taes são aquellas que imprimem o Patriarcha dos Jornaes Populares o *Penny Magazine*, em Inglaterra; e o *Museu Pittoresco*, em França. Estas não dão mais que 700 ou 800 folhas impressas por hora.

E' uma maquina desta ultima especie que a nossa gravura representa; tentaremos dar uma descrição della.

A Maquina de * Vapor, que se não vê na figura, communica pela roda A, e a corréa H, um movimento circular á roda C, que está immediatamente ligada com as varias peças da maquina.

Esta consta de dous systemas, por assim dizer. O 1.º é o da mēza D. Nesta mēza se assentão as duas *fôrmas* que darão as impressões a cada lado do papel. Uma *fôrma* é *imposta* no lado direito da mēza; outra no lado esquerdo; e uma e outra algum tanto distantes da correspondente extremidade da mēza, deixando espaço ás *pranchas* da tinta que, na nossa figura, estão marcadas DD, e que ficão de nivel com a superficie superior do typo quando as *fôrmas* se achão collocadas em seu lugar. A figura mostra uma das *fôrmas* no lado direito da mēza.

Esta mēza está assente sobre uma serie de rodas fixas na parte inferior d'uma banca solida, entre a qual ella tem um movimento longitudinal de *vai-e-vem*, que lhe é communicado por um systema de mecanismo ligado com a roda C, e que, por inferior á mēza, não se pôde representar na gravura.

Sobre a parte superior da banca ha em cada uma de suas extremidades um deposito de tinta, situado n'uma caixa que se estende d'um lado da banca á outra em sua largura, e em de cujos lados é formado por um rollo ou cylindro (de uma *composição* particular para embeber a tinta) que é movel sobre seu eixo. Em pequena distancia deste deposito ha um systema de tres rollos, — e logo adiante outros tantos mas de circumferencias maiores. Ha outro cylindro inferior ao cylindro do deposito, mas mal se distingue na figura; a este cylindro daremos o nome de *batente*. Todas estas disposições são symetricas nos dous lados da banca.

Por um complexo de alavancas connexas com as duas grandes rodas da maquina (e que se distinguem na figura) o *cylindro do deposito* move-se circularmente n'um dos lados de sua caixa, e anda portanto sempre coberto de tinta. Quando pelo movimento de *vai-e-vem* da mēza, a *prancha da tinta* se aproxima do *cylindro do deposito*, é este tocado pelo *batente*, que tornando a cair sobre a *prancha* deposita nella uma pequena porção de tinta. Este *batente* é movido pelo mesmo arranjo que move o cylindro do deposito. Continuando a mēza em seu movimento, mas em sentido contrario, é esta porção de tinta espalhada com igualdade por toda a *prancha* peios proximos tres cylindros que já notámos; e passando subsequentemente a *prancha* debaixo dos tres cylindros maiores proximos ao centro da mēza ficão estes impregnados de tinta. Efeitoado isto já a mēza vem voltando em outra direcção, e deste modo como as *fôrmas* passão debaixo destes ultimos *cylindros da tinta*, fi-

[*] Uma força equivalente á de 2 cavallos é sufficiente para o effecto destas maquinas.

ção todos os caracteres cobertos della. Obtida, como vemos, a continuação *tintura* do typo das fôrmas, vejamos a disposição dos cylindros superiores á mēza que levão as folhas de papel ás fôrmas já promptas para sua impressão. Isto forma o 2.º systema de rodas. As duas grandes rodas dentadas que vemos na figura são movidas pela roda C, e tem sobre seus eixos os cylindros H e L, a que denominaremos os *cylindros de impressão*; entre estes 2 cylindros ha outros dous I e K, a que chamaremos os *cylindros de voltar*; e mais para junto do official impressor ha a *mēza do papel* M, o *cylindro de supprimento* E, o *cylindro de alizar* F, e o *cylindro da entrega* G.

Involvendo, com certo artificio, a todos estes cylindros ha 5 ordens paralelas de fitas duplicadas, trabalhando juntas, mas independentes, as 5 inferiores das 5 superiores, em circulo fechado. Servem estas fitas para segurarem a folha de papel que há de ser impressa, e levarem-a entre si aos cylindros na maneira conveniente.

Posta a folha de papel sobre a mēza M, e entregue (por um artificio de que logo daremos idéa) ás fitas, movem-se estas com os cylindros, (que girão em varios sentidos segundo suas indentações o indicão) e a encaminhão — por cima do cylindro E, por baixo de F, por cima de G, por baixo de H, por cima de J, por baixo de K, e finalmente por cima de L, até á mão do rapaz que se vê na figura, onde a folha apparece já impressa de ambos os lados, como logo explicaremos. Estas fitas são indicadas com alguma clareza na figura, sobre os cylindros G, J e L. Grande porção da ordem superior dellas se vê no alto da maquina; mas não devem induzir a pensar que é por aqui que passa a folha de papel, pois que estas não são outra cousa do que o resto da ordem superior das duplicadas que tendo levado a folha de papel até final impressão voltão independente della a completar circulo fechado. Agora vejamos o trabalho geral da maquina.

Posta a roda C em acção, começa a *meza* em seu movimento de *vai-e-vem*, e todo o systema de cylindros superiores a mover-se, segundo suas indentações. O official colloca então uma folha de papel sobre M, e junto ao cylindro E, que (pelo artificio a que acima alludimos) a toma entre as 5 ordens de fitas duplicadas, passa-a sobre sua superficie, e depois por baixo do cylindro F, a fim de a alizar. O cylindro F a entrega ao cylindro G, e deste passa ella ao cylindro de impressão H. Quando a folha já enrolada sobre este cylindro se aproxima, no seu movimento, da mēza, já sobre ella encontra uma das fôrmas prompta de tinta, que pelo movimento de *vai-e-vem* caminha n'um sentido em quanto que o cylindro H pelo seu movimento circular gira em sentido contrario; e como toda a folha toca deste modo em toda a extensão da fôrma, é claro que fica impressa em um dos seus lados. Continúa agora a folha em seu movimento e passa por cima de J, e por baixo de K, e em seguimento vai enrolar-se sobre o cylindro L, com o lado impresso internamente sobre elle; de maneira que acompanhando-o em seu giro vai encontrar a segunda fôrma, por cima da qual vai passando até ficar a impressão dos caracteres estampada neste lado da folha; terminado o que as fitas largão a folha de papel junto á mão do rapaz que a arruma competentemente.

Poder-se-ha perguntar, como é que se sabe o exacto momento em que se deve entregar cada folha ao primeiro cylindro? — A mesma maquina o indicará.

A folha M é collocada sobre duas fitas largas e fixas, que são contatado susceptíveis d'um movimento horizontal, em virtude do qual ellas conduzem o papel até ás 5 fitas de que anteriormente fallámos. A fim de que áquellas se communique este movimento horizontal, estão ellas seguras por uma de suas extremidades a um cylindro que joga n'uma porção (ou sector) de roda dentada, que na figura se vê junto a M, e que é movida por outras tantas indentações fixas na grande roda dentada da esquerda da maquina. Obedece portanto o sector, e com elle o cylindro e fitas, ao movimento da roda grande, e daqui resulta o avançar a folha em tempo conveniente para que as fitas duplicadas a tomem entre si para a levar aos cylindros. Quando a roda grande deixa de obrar sobre o sector é este restituído ao seu primitivo lugar por meio d'um contrapezo, e deste modo se estabelece um movimento de *vai-e-vem*, que com toda a regularidade entrega a folha de papel ao 1.º cylindro.

Não julgamos ter descripto a maquina com tal clareza que se possa entrar em miúdo conhecimento de todos seus movimentos; nem permittem nossos limites que o esperassemos fazer; mas julgamos que o que deixamos dito dará uma idéa geral dos seus principaes movimentos, e do *pensamento* que presidiu á sua invenção. — Resta-nos agora declarar que o objecto principal que se obtem por esta maquina é o da *rapidéz* de trabalho; a *perfeição* do mesmo ainda se conserva em superioridade nos resultados da imprensa manual.

Poderamos pois, tornando ás nossas primeiras applicações, imprimir 100,000 exemplares de um Jornal semanal, com uma imprensa de Vapor nos seis dias de trabalho da semana porque a 800 exemplares por hora, 6 dias, ou 144 horas, darião 115,200 exemplares; mas tão aturado e continuo trabalho suppoem a ausencia de contingencias, como desmanchos, paragens etc. que diminuirão seus resultados, e com que em todo o genero de trabalho sempre se deve contar. Accresce outra difficuldade nos jornaes populares, e vem a ser, que nenhuma das gravuras de madeira com que suas paginas são ornadas aturaria a impressão por 100,000 vèzes. Evitar-se-hião os inconvenientes a que temos alludido empregando mais que uma imprensa, e compondo varias series de fôrmas com outras tantas gravuras em copia; mas mui despendiosos serião estes remedios. A STEREOGRAPHIA (ou a impressão em typos solidamente unidos) veio a final remover todas estas difficuldades; — mas somos obrigados a reservar este assumpto para um futuro numero.

PARABOLA.

A CAIXA DOS POBRES.

HAVIA outrora um homem illustre e opulento chamado Benedicto, isto é, o abençoado. Este nome era-lhe justamente appropriado, porque Deos o tinha abençoado com abundantes bens de fortuna, e todo o mundo o abençoava, porque fazia bem a todos, ao estranho e ao visinho, e mais especialmente ao pobre e ao afflicto. A maneira com que se conduzia era a seguinte:

Quando tinha passado um dia alegre em companhia dos seus amigos, se retirava para o seu quarto, e fazia estas reflexões: Quanta gente ha que não tem gozado d'um dia como este de hoje; e que mal, me podia ter acontecido se eu tivesse convidado dobrado numero de pessoas? Em seguida pergando n'uma quantia de dinheiro igual áquella que tinha

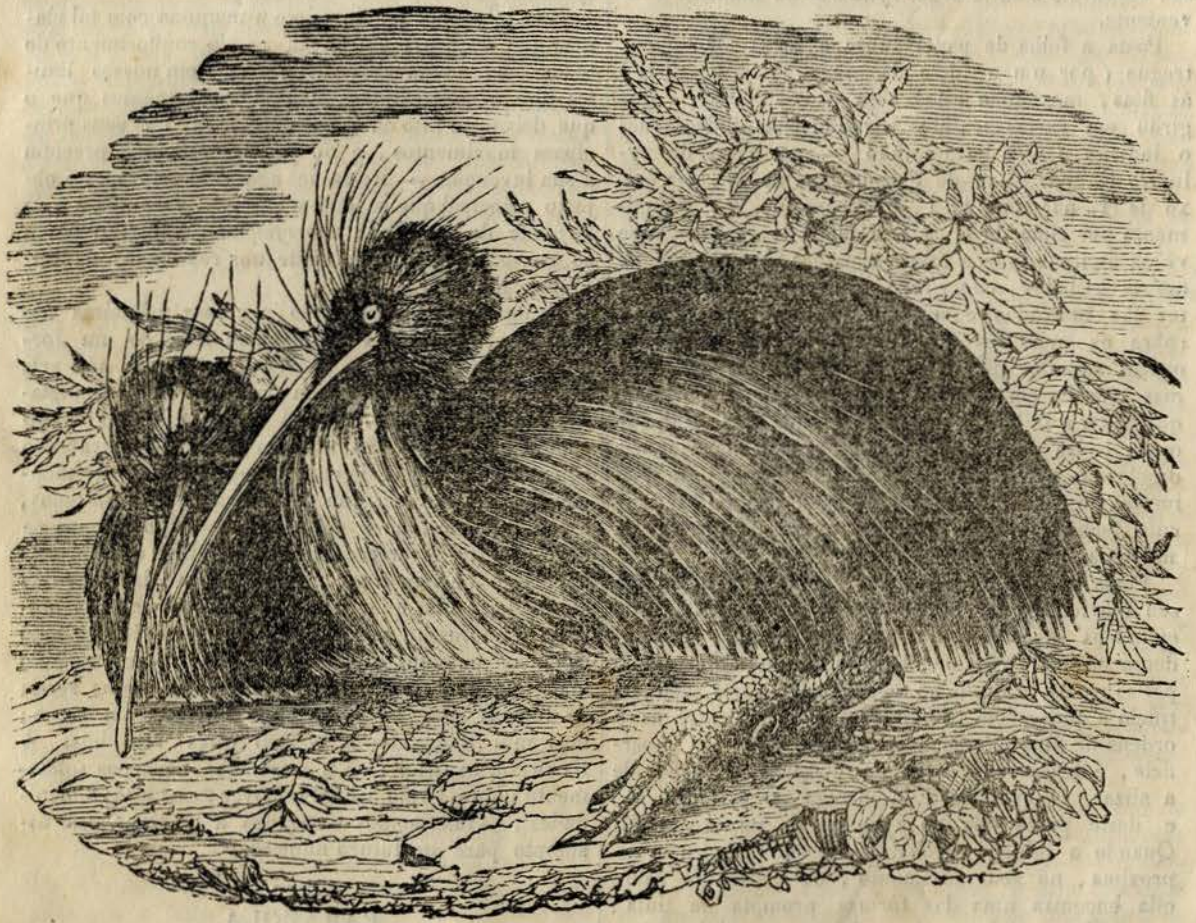
gasto no convite, a punha n'uma caixa segura, e a este dinheiro chamava o *Fundo dos Pobres*. Da mesma sorte quando chegava a saber que tinha havido algum incendio, contribuia generosamente para o soccorro dos desgraçados. Então olhava para a sua casa, ia para o seu gabinete, e dizia: Todas as minhas propriedades estão seguras, e livres de prejuizo! E logo mettia alguma cousa mais na caixa. Quando ouvia contar os estragos occasionados pelas tem pestades, inundações, e outros desastres, deitava dentro da caixa algum dinheiro mais por esse motivo. Quando lhe offerecião para que comprasse vinhos excellentes, ou ricas fazendas, costumava comprar, mas com moderação, o que precisava para adornar sua casa e obsequiar seus amigos, e retirando-se depois para seu quarto dizia: Deos tem-me dado com que poder comprar estas cousas — depois do que augmentava o fundo da caixa com uma

nova contribuição, e alem disso mandava parte do vinho generoso a algum doente visinho que carecia d'elle.—Talfoi a sua conducta durante toda a sua vida.

Quando estava para morrer, os pobres, as viúvas, e os orfãos, choravão e lamentavão a sua sorte, dizendo: Quem se lembrará de nós quando nos faltar Benedicto!

Porem elle disse: Um bom pái tem cuidado de que nada falte aos seus filhos ainda durante a sua ausencia. Tomai pois a caixa dos pobres com tudo o que estiver dentro d'ella. Isso pertence aos pobres, ás viúvas, e aos orfãos; manejai-o bem e prudentemente, e distribui-o entre elles. Logo depois morreu, e executou-se o que tinha disposto.

Assim o dinheiro dos Pobres subsistiu mais de cem annos para consolo dos necessitados, e a memoria do homem benefico é ainda profundamente venerada.



O APTERYX.

O APTERYX, (*Apteryx Australis*.)

A ESTAMPA que representa a figura d'esta ave singular, é uma copia da que se vê na obra esplendida de Mr. Gould e que trata dos passaros da Australia. O primeiro Apteryx que se viu em Inglaterra foi no anno de 1812, trazido da Nova-Zelandia; e como nos gabinetes publicos de historia natural não havia uma amostra d'esta ave, os naturalistas europeus apenas querião acreditar a sua existencia. Alguns julgavão que a sua especie havia sido extincta, outros que era fabulosa, e que o fundamento da sua descripção erão os restos do *phenicoptero* ou *flamengo*? (dodo) conservado no Museu Britannico.

Porem n'estes ultimos annos a existencia do Apteryx ficou fora de dúbida; o seu paiz nativo é a Nova-Zelandia, aonde é conhecido com o nome de *Kiwi-kiwi*. Os naturaes do paiz saem á caça d'elle de noite, com luzes e com cães; são altamente estimados por causa da sua pennugem que é sumamente fina, e costuma ser empregada nas capas de cerimonia. Um europeu que residiu seis annos na Nova-Zelandia não chegou a ver senão uma capa feita com as pennas d'esta ave, e por mais que se esforçou para que o dono lha vendesse nunca o pôde conseguir. A Companhia da Nova-Zelandia tem feito presente de muitas pelles d'esta ave singular á Sociedade Zoologica de Londres, mas até agora pouco é o que se

sabe do seu modo de viver. Dizem que, para que o Apteryx saia do lugar aonde se esconde, costumão os caçadores quebrar a rama secca d'uma arvore, e que aquelle estálo repentino causando um terror extraordinario no pássaro o obriga a sair do seu retiro.

A configuração particular do Apteryx, o comprimento do seu bico, a força dos seus pés, e a quasi absoluta falta de azas, augmentavão a difficuldade para saber o lugar que lhe correspondia no systema. O bico do Apteryx, comprido e delgado, tem a primeira vista muita similhança com o d'aquelle passaro chamado *tarambola*; porem examinado mais attentamente observa-se uma differença muito notavel. As aberturas nasaes d'esta ultima ave estão sempre collocadas na sua base, e assim é necessario que seja para procurar o seu alimento, que se compoem de minhocas e outros bichinhos que se crião no lodo, no qual o passaro introduz o seu bico. O Apteryx pelo contrario procura o seu alimento na superficie; é por tanto summamente util para elle o ter as aberturas nasaes na extremidade do bico, porque d'esta sorte os orgãos do olfato estão mais proximos do objecto que tem á vista: acrecece a isto que, como o Apteryx é uma ave nocturna, de pouco lhe aproveitão na escuridão os seus olhos.

O tamanho do Apteryx é como um perú de tres meses, a sua côr parda escura; a carne preta, nervosa, dura e insipida. Quando se vê atacado defende-se vigorosamente dando rapidas e perigozas pernadas com os seus poderosos pés e agudos esporões, com os quaes dizem que dá golpes no chão para espantar os bichos de que se alimenta, agarrando-os com o bico logo que apparecem.

Costuma viver em lugares baixos pantanosos, muito cubertos de feto por entre o qual se esconde, e quando se vê perseguido pelos cães dos caçadores se occulta nas aberturas dos rochedos, nos troncos das arvores velhas, ou em covas profundas que elle mesmo faz na terra a maneira d'um quarto: n'estes ultimos sitioes é aonde construe o seu ninho com feto, e outras hervas seccas.

NOBRE ORIGEM DO NOME DE FIGUEIREDO; OU O TRIBUTO DAS DONZELLAS.

REINAVA em Oviedo pelos annos de 844 de nossa era o rei D. Ramiro. Os Commissarios do Califa de Cordova tinhão chegado para cobrar o tributo das cem donzellas estabelecido desde o tempo de Mauregato em premio do auxilio que os Mouros lhe tinhão dado para poder usurpar o throno que pertencia ao seu sobrinho.

Todas as cidades devião dar um numero de donzellas em proporção da sua população; sem embargo as victimas quasi sempre pertencião ás gentes do campo ou ás classes plebeias. Todo o chefe de familia devia apresentar suas filhas, ou irmãs no dia aprazado para o sorteamento.

Os sinos annunciavão já a hora da cerimonia; e ao som das trombetas e tambores os Commissarios mouros se dirigião para um campo visinho da cidade aonde elles devião receber o tributo. Um immenso concurso de gente acompanhava a estes officiaes; alguns d'elles movidos só pela curiosidade, porem a maior parte por bem diversos sentimentos. Aqui o bom pái, com o coração traspassado de pezar, dava o último abraço á sua desventurada filha. Aqui tambem via o amante favorecido dissipar-se todas as suas brilhantes esperanças, e voltava para os seus lares na mais acerba desesperação. Alem dos muitos que estavam pessoalmente interessados n'esta penosa scena; outros muitos ha-

via que posto que não sentissem os tormentos de pái ou amante, manifestavão o mais profundo pezar por uma cerimonia tão vergonhoza para a patria.

Uma partida de vinte guerreiros Mouros rodeavão o tablado aonde se devia decidir da sorte de tantas familias, e quarenta soldados Hespanhoes estavam encarregados de manter a ordem entre os espectadores. As donzellas arrancadas dos braços dos seus desconsolados parentes, e debulhadas em lagrimas forão conduzidas acima do tablado.

Entre o grande número d'espectadores havia um joven cujo rosto estava mais profundamente alterado do que todos os outros. Seus negros e animados olhos seguião todos os movimentos d'uma das donzellas que ião tirar á sorte para uma vida de escravidão e de deshonra. Chegou finalmente o momento em que a sua querida devia saber seu futuro destino. Apresentou-se a timida donzella, encostada a uma velha, que em vão se esforçava em consolar a quem nada causava impressão, porque sua alma estava toda occupada na sua presente calamidade. As rosas das suas faces tinhão murchado, e uma triste pallidez usurpava o lindo sitio onde ellas brilhavão no dia antecedente. O fogo dos seus olhos não ardia tão vivamente, porque um rio de lagrimas o apagava. O excesso do terror e o desgosto paralyzárão todos os seus movimentos, e dava-lhe a apparencia d'uma bella estatua, até que chegou o momento em que foi quasi arrastada para tirar da fatal urna a sentença da sua futura irremediavel miseria.

O seu amante entretanto tremia convulsivamente, e em lugar da pallidez produzida por uma temerosa incerteza, o fogo da indignação animava agora seu rosto. Todos os seus pensamentos e sentimentos estavam reconcentrados n'um unico objecto. Sua alma parecia dependurada d'um cabelo; todas as suas feições, todos os seus membros participavão da cruel agonia d'aquelle momento. Anciamente observava aquella que estava destinada para ser sua esposa com tanto que a sorte lhe não fosse contraria. A sua querida Orelia com mãos trémulas tirou o decreto da sua infelicidade, e deu um grito agudo e penetrante. Os nervos do seu desafortunado amante violentados por uma tensão tão pouco natural affrouxárão, e appareceu repentinamente mais tranquillo. O grito da sua amada Orelia foi como o sino funeral que annunciava a morte de toda a sua felicidade. Já nada tinha que temer; qualquer cousa que acontecesse havia de ser um mal infinitamente menor que este; e seguro no abandono da desesperação, experimentava aquella especie de melancolica alegria e feroz satisfação, que são algumas vezes os companheiros da suprema miseria.

Pouco a pouco se foi approximando ao tablado com uma calma que admirava a quantos sabião o segredo do seu amor. Para este tempo a sorte das donzellas já estava decidida. Os gritos e os lamentos enchião o ar; e as maldições dos páis desesperados se ajuntavão com os gemidos e choros das suas filhas. O murmurio da indignação ia degenerando em confusão; symptomas de opposição e revolta se distinguião na multidão reunida; era uma mina que para a sua explosão não precisava mais que uma faisca. Os funcionarios encarregados da degradante tarefa d'aquelle dia começavão a estar inquietos e a olhar em redor de si com receio e anciedade, e os Mouros parecia que se preparavão contra a imminente tempestade.

O momento antes d'estalar a tormenta popular é terrivel, e difficultoso de ser descripto. A massa

dos Christãos cada vez se condensava mais, e se estavam socegados era porque lhes faltava um que desse o impulso á explosão da sua furia.

O Chefe Mouro começou asperamente a querer separar as victimas dos amigos e parentes a quem abraçavam por despedida. "Aonde estás tu, oh Ansures, aonde estás tu, n'este momento de terror?" exclamou uma das infelizes formosuras. "Vem, livra-me d'estes malvados." O seu doloroso grito foi ouvido; porem que podia fazer então seu desgraçado amante?

"Aqui estou, meu amor, exclamou o joven Ansures, que estava proximo ao sitio: sim, aqui estou, minha querida Orelia, disposto a morrer antes que consentir que te levem esses barbaros: porque a morte é a unica satisfação e consolação que posso esperar."

Dizendo estas palavras desembainhou uma espada curta que levava occulta, e atarou cheio de furia ao Mouro que trabalhava para separar Orelia dos seus parentes. O Mouro deo dous passos, e caio afogado no seu proprio sangue. Este foi o signal para levantar-se o povo. Um grito tumultuoso rasgou os ares, e a turbamulta, posto que desarmada, correo impetuosamente a resgatar as donzellas, auxiliando n'esta nobre tarefa ao joven Ansures, o qual via-se então muito apertado pelos seus inimigos, que pugnavão para lhe tirar a vida. Os seus amigos, posto que numerosos, apenas podião resistir aos Mouros que estavam a cavallo e completamente armados. O conflicto continuou sem embargo com igual vigor e rancor por ambos os lados. As autoridades christãs, e os soldados que estavam ás suas ordens, por maneira alguma quizerão interferir n'uma luta para a qual não estavam autorizados pelo rei, e a unica cousa que desejavão era poder-se retirar sãos e salvos d'aquelle campo de batalha, no qual dous ou tres Mouros, e dobrado numero de Christãos vião-se já revolvendo no seu proprio sangue.

Para esse tempo Ansures tinha conseguido ver-se livre dos seus adversarios; porem na confusão perdêra a sua espada. Este accidente não foi bastante para affrouxar o seu valor, nem refrear a sua impetuosidade. Um dos Mouros, vendo-o desarmado, e reconhecendo n'elle o autor d'aquelle tumulto, correo para o atacar; mas Ansures cuja agilidade só era inferior á força do seu braço, e á resolução do seu coração, se dirigio rapidamente a uma figueira proxima d'aquelle sitio, e despedaçando logo um grosso ramo, se preparou para renovar o combate.

O numero dos combatentes augmentava a cada momento, e no meio da confusão a maior parte das donzellas conseguirão escapar-se.

Quando o rei chegou a saber a causa da desordem, mandou que se restabelecesse a paz, e que os officiaes Mouros fossem postos fora do seu reino sem poderem levar o vergonhoso tributo pago pelos seus antepassados.

Indignado o Califa de Cordova do tratamento feito aos seus Commissarios, e de que se negavão a pagar o tributo das cem Donzellas, poz o seu exercito em campanha superior ao que podia reunir D. Ramiro.

Foi n'esta occasião que se deu a famosa batalha de Alveida ou Clavijo que durou dous dias, e na qual se distinguio D. Ramiro, e tambem o joven Ansures.

Sabedor o rei dos serviços que este mancebo tinha feito, e do modo admiravel com que se havia comportado para resgatar dos inimigos sua querida Orelia, o armou cavalleiro, e concedeo-lhe que

no seu escudo podesse pôr cinco folhas de figueira, emblema que tambem poderia usar em seu elmo. Desde aquella epoca Ansures tomou o nome de *Figueiredo*, em recordação d'aquelle arvore que tanto lhe serviu no momento mais critico da sua vida.

MODO FACIL DE ESCREVER ÁS ESCURAS.

E' bem sabido que, quando estamos na cama sem poder dormir, a nossa imaginação tem ás vezes idéas felizes por não ser perturbada pelos objectos visiveis, e que desaparecendo da nossa memoria com a luz do dia, ficamos com o sentimento de não as ter podido consignar d'uma maneira permanente. Isto acontece aos autores e literatos occupados com alguma obra de importancia. Para casos d'esta natureza é que vamos propôr um meio facil de escrever na cama sem risco de incendio, nem de apanhar constipação.

O método de que se trata é o seguinte. Tome-se uma louza preta como aquellas de que usão os rapazes nas escolas, e tirem-se n'ella linhas paralelas á distancia de tres quartos de pollegada uma d'outra. Nas extremidades lateraes d'estas linhas deve haver uns buraquinhos pelos quaes se passa um barbante forte que esteja muito tirante. Estas linhas são as que servem para guiar a mão que escreve nos espaços entre linha e linha com um ponteiro preparado, para o qual deverá haver uns buracos feitos nos lados da louza. Se se escrever uma linha só, o ponteiro deverá ficar no buraco pertencente á linha immediata debaixo, a fim de não escrever duas vezes na linha superior. Em poucos dias pode-se adquirir a pratica necessaria escrevendo de dia com os olhos fechados.

D'esta maneira dizem que escrevia M. HOLMANN a relação das suas viagens por varias partes da Europa, e que depois forão publicadas em Londres.

HISTORIA.

A DYNASTIA GÓTICA HESPAÑHOLA.

Os Godos dominarão em Hespanha perto de tres seculos, desde o anno de 415 até 711.

Ataulfo, o primeiro rei d'esta linha, foi o successor de Alarico no seu dominio sobre uma porção consideravel da Gallia, e casou com Placidia, princesa romana e irmã do imperador Honorio. Persuadido por ella, fez alliança com Honorio, e invadiu a Hespanha com o objecto de arrancar a aquelle imperio aos bárbaros que a opprimião. Atravessou os Pyrneos, e conquistou a maior parte de Catalunha; porem, depois do pequeno reinado d'um anno, foi morto á traição em Barcelona por um criado.

A linha dos reis Godos foi muito numeroza, pois durante o periodo acima mencionado não meos de trinta e quatro soberanos governarão a Hespanha. A maior parte d'elles morrerão de morte violenta; alguns no campo de batalha, outros assassinados pelos seus successores, os quaes agarravão a coroa como a recompensa das suas proezas.

Anno Domini 710. Roderigo, ultimo rei dos Godos, desthronou Witiza, e cingio o diadema usurpando-o aos filhos d'aquelle monarca. O reinado de Roderigo foi de curta duração, porem tempestuoso e desgraçado. Perseguiu imprudentemente os herdeiros de Witiza; mas estes unidos com os seus parentes o conde D. Julião,

e o arcebispo D. Opas, formáram uma conspiração para entregar a patria aos Mouros. A violenta e desenfreada conducta de D. Roderigo accelerou a crise. Havendo seduzido a Florinda, chamada *La Cava*, filha do conde D. Julião, o ultrajado pai ardeu em desejos de vingança, e serviu-se dos Mouros para a pôr em execução, facilitando a entrada delles em Hespanha.

711. Tarif, á testa d'um exercito de doze mil homens, depois de varios pequenos combates, encontrou finalmente a D. Roderigo perto de Xerez. Foi então que se deu a famosa batalha de Guadalete, na qual os Godos forão completamente derrotados, e os fados da Hespanha se declaráram a favor dos Mouros.

Os conquistadores em breve se fizêram senhores de todo o paiz; porem D. Pelago ou Pelagio, príncipe Godo e primo de D. Roderigo, se retirou ás escabrosas montanhas de Cantabria, e alli resolveu resistir aos invasores. Eleito rei pelos poucos que quizerão seguir a sua sorte, estabeleceu seu quartel general na caverna chamada de Covadonga, e fazendo desde alli continuas sortidas causou grande estrago entre os Mouros.

718. D. Pelagio foi nomeado rei das Asturias, apesar da pobreza, e estreitos limites dos seus domínios. Foi o fundador d'aquella longa serie de reis que com uma constancia e valor sem exemplo conseguirão depois de muitos seculos expulsar d'Hespanha os Mouros.

REIS DE OVIEDO.

A. D. 757. Froila, o primeiro, tomou o titulo de rei de Oviedo e Galliza.

759. Convocou-se um Concilio de bispos, e n'elle ficou prohibido para o futuro o casamento dos sacerdotes, que tinha sido permittido por uma lei de Witiza. Froila foi um rei animoso e valente, e venceu muitas vezes os Sarracenos. Porem murchou o brilho das suas victorias com o assassinio de seu irmão Vimarano.

768. Elle mesmo foi morto por Orelio ou Aurelio seu primo, que lhe succedeu no throno: nada houve de notavel no seu reinado, e viveu em paz com os Mahometanos.

774. D. Silo, homem já muito entrado em annos, foi seu successor.

783. Mauregato, com o auxilio dos Mouros mandados por Abdulrahman, usurpou o throno que pertencia ao seu sobrinho, Affonso o segundo, legítimo herdeiro. Em recompensa do auxilio dado por Abdulrahman, Mauregato se sujeitou a pagar ao chefe Mouro um tributo de cem donzellas, que annualmente erão mandadas á corte do Califa de Cordova.

788. A Mauregato succedeu Bermudo, chamado o Sacerdote.

791. Affonso segundo, conhecido na historia com o titulo de o *Custo* e o *Victorioso*, gozou d'um reinado prospero e prolongado. Foi no seu tempo quando o famoso Bernardo do Carpio fez tantas proezas romanticas, assumpto de mil cantigas hespanholas. As chronicas d'Hespanha contão que não tendo Affonso herdeiro, convidou o imperador Carlos-magno, e offereceu-lhe nomea-lo seu successor. Bernardo do Carpio e outros muitos cavalleiros puzerão-se a uma transacção tão humilhante para a independencia do paiz. O rei mesmo arrependeu-se; e quando Carlos-magno veio a Hespanha, achou que

tanto os Christãos como os Mouros estavam preparados contra elle. Então deu-se uma terrivel batalha no celebre passo de Roncesvalles, na qual forão inteiramente derrotados os Francezes, e o famoso Orlando ou Rolando morto por Bernardo.

842. Affonso, depois d'um feliz reinado de 53 annos, e a o qual tempo estendeu consideravelmente seus domínios, morreu, havendo nomeado para ser seu successor a D. Ramiro, filho de Bermudo.

844. Neste anno teve lugar a famosa batalha de Alveida ou Clavijo, que durou dous dias. D. Ramiro conseguiu uma assignalada victoria contra os Mouros, comandados por Abdulrahman o segundo, e então foi abolido o infame tributo das cem donzellas, do qual fallámos em outro artigo d'este Numero.

850. D. Ramiro morreu depois d'um glorioso reinado; succedeu-lhe Ordonho o primeiro, que herdou de seu pai a inclinação á guerra, e se distinguio pela sua animosidade contra os Mouros.

856. Ordonho morreu de gôta n'este anno; e seu filho, D. Affonso o terceiro, chamado o *Grande*, herdou a coroa. Ganhou muitas batalhas, reparou muitas cidades, fundou bastantes igrejas e mosteiros. Este rei é o autor da chronica dos seus antecessores.

910. O reinado do seu filho D. Garcia foi curto, porem foi o fundador de muitos uteis edificios publicos.

Ao principio d'este seculo se referem as aventuras de Fernan Gonzales, primeiro soberano de Castella, com o modesto titulo de conde. Com o andar dos tempos a sua pequena soberania chegou a ser o mais poderoso e illustre dos varios reinos independentes, tanto christãos como mouros, nos quaes esteve por muito tempo dividida a peninsula Hespanhola.

ENTRE os generos d'industria que recebemos do estrangeiro contão-se os palitos de acender por fricção, que se nos vendem por 80 ou 100 réis quando seu custo d'importação (direitos incluidos) é menor de 40 réis. Julgamos que será util a publicação da receita para os fazer.

Chlorato de potassa, e sulfureto d'antimonio. (antimonio cru do commercio) partes iguaes em pezo. Reduz-se a pó cada droga em separado, e depois mistura-se bem, e com uma porção d'agua gommada reduz-se a massa.

Enxofrão-se as pontas dos palitos em enxofre reduzido tambem a massa com a dita agua, e depois do sêcos cobre-se a parte enxofrada com uma camada de massa, e deixão-se seccar bem. A agua gommada é feita com colla e gomma arabica, ou asucar candi em lugar de colla, mas serve muito bem só a dissolução de gomma arabica.

Os papeis para a fricção fazem-se do seguinte modo: — Unta-se o papelão com colla, e em quanto molhado peneira-se-lhe por cima vidro reduzido a pó, (a peneira deve ser de seda;) deixa-se seccar, e depois dá-se-lhe outra untura de colla por cima do vidro.

N. B. Uma oitava de massa dá para mais de 300 palitos.

IDEA SUBLIME.

A seguinte formosa e em alto grau sublime idéa é tirada d'um manuscrito árabe.

“Cheguei ao lugar do meu nascimento, e exclamei: ‘Os Amigos da minha mocidade aonde estão?’ e um *Echo* respondeu: ‘Aonde estão?’”

RECEITA PARA PRATEAR O LATÃO.

Ha muitas receitas, que postas em pratica fallão; ou porque a explicação não é clara, ou porque as quantidades dos ingredientes não guardão a devida e exacta proporção entre si. A que nós damos aqui para praticar o latão está experimentada, e consta-nos que alguns Latoeiros d'esta cidade tem comprado os pós manufacturados segundo aqui se explica, e que tem prateado perfeitamente com elle varias peças de latão.

Ingredientes. Quatro onças de raspa de veado calcinada. Quatro onças de raspa d'estauho. Duas onças de azougue, e duas onças de sarro de vinho.

Mistura-se primeiramente o azougue com o estauho, e piza-se bem n'um almofariz até ser reduzido a pó: deita-se-lhe depois a raspa de veado, e piza-se outra vez até que fique em pó; finalmente mistura-se o sarro de vinho, e torna-se a pizar novamente até que fique tudo de maneira que possa passar por uma peneira de seda.

Com estes pós summamente finos, e um bocado de anta esfrega-se o latão que se deseja pratear; e com outra anta lustra-se e pule-se facilmente.

MODO DE CONSERVAR OS OVOS FRESCOS.

Algumas pessoas tem conservado os ovos sempre frescos pelo espaço de seis mezes em agua de cal. Porem a experiencia tem demonstrado que elles se conservão melhor e por mais tempo depositando-os n'uma solução de hydro-cholorato de cal (30 grãos de cal para uma libra de agua) de maneira que o liquido cubra inteiramente os ovos, e guardando-os n'um sitio fresco. Dizem que o sulphato de ferro produz o mesmo effeito.

MODO FACIL DE CONHECER OS TARTULHOS QUE SÁO VENENOSOS.

Este vegetal, que nasce espontaneamente, tem um gosto agradável, e por isso é muito estimado em França e outros paizes. Infelizmente na classe dos tartulhos ha alguns que são altamente venenosos, e muitas pessoas tem morrido por causa d'elles. Nós somos de opinião que para evitar tão tristes consequencias o melhor de tudo é não os comer; porem como pôde acontecer que nem todos sejam da nossa opinião vamos dizer qual é o meio de distinguir entre elles os que exercem uma acção deleterea.

Tome-se uma cebolla, tire se-lhe a casca exterior como se fosse para comer, e ponha-se a ferver juntamente com os tartulhos; se a cebolla ficar branca depois da fervura é prova que os tartulhos são bons; se tomar uma côr azul ou preta, é evidente que contém veneno. Para curar este veneno, aos primeiros symptomas tome-se logo um emetico, beba-se em seguida agua quente em abundancia, e passados os vomitos, administrem-se ao doente cordiaes fortes, como chá de gengibre, e agua-ardente com laudano ou pimenta de Cayena em pillulas, consultando ao mesmo tempo um medico para regular as doses.

PARA OS FABRICANTES DE VELAS DE SEBO.

Molhem bem as torcidas em agua de cal, que contenha tambem uma consideravel quantidade de nitrato de potassa; a chamma das vélas é mais pura, a luz mais clara, não é necessario espevitar tantas vezes, e as vélas não se correm. As torcidas devem estar perfeitamente sêccas antes de se lhes unir o sebo.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Memorias do Buçaco, por Adrião Pereira Forjaz de Sampayo.

TIVEMOS muito gosto na leitura deste folheto. Um sentimento religioso e de suave melancolia realça a sublimidade e belleza das scenas naturaes que descreve o seu auctor n'um stylo tão simples quão elegante. Os versos do Sr. José Freire de Serpa encerrão um dobrado encanto. Alem do doce prazer que nos inspirão, revelão-nos esperanças de elevadas aspirações futuras. — Impacientemente esperamos a segunda parte d'este opusculo.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

SUBSCREVE-SE para este Periodico no Porto, na *Typographia Commercial Portuense*, e nas lojas dos *Livreiros Gonçalves Guimarães, Queiroz, e Pereira aos Caldeireiros; Moré, rua de S. Antonio, e Garcia, no passeio da Cordoaria.*—Em Lisboa, na loja da viuva de *João Henriques; Coimbra, na de Antonio Lourenço Coelho.*

Nas seguintes terras são os correspondentes do MUSEU PORTUENSE por favor especial

OS SENHORES:

<i>José Correa d'Oliveira Mendes</i> , em Guimarães.	
<i>Manoel José da Rocha Guimarães</i> , „ Villa-Real.	
<i>Francisco Bernardino Pereira Guimarães</i> „ Lamego.	
<i>Francisco Antonio de Araujo Carvalho Reis</i> , „ Regoa.	
<i>Manoel José Alves Vicente</i> , „ Braga.	
<i>Antonio José Alves França</i> , „ Vianna	
<i>Manoel Boaventura de Brito</i> , „ Valença.	
<i>José Manoel Gomes</i> , „ Barcellos.	
<i>P. José Francisco de Carvalho</i> , „ Faro.	
<i>P. Vicente Manoel Rodrigues de Souza Pimentel</i> , „ Bornes.	
<i>D. João Hortega, Consul Geral de Portugal</i> , „ Vigo.	
<i>D. José Nuñez Castanho</i> , „ Santiago.	
<i>SS. Achermann, & C.^a em Londres</i> , 96 Strand.	

Pede-se aos Srs. Assignantes da cidade queirão avisar ao Administrador da *Typographia Commercial Portuense*, e aos que residem fora, aos Agentes e Correspondentes acima nomeados, de qualquer irregularidade que haja na entrega do Jornal; e remetter tambem o importe da assignatura pelos primeiros 6 mezes ao Escriptorio da mesma *Typographia*, aonde se passarão recibos impressos; ou entregar o dinheiro aos Agentes e Correspondentes já nomeados.

Toda a Correspondencia deve vir franca de porte, que sem este requisito não será attendida.

PREÇOS DO JORNAL.

Assignatura por 6 mez. ou 12 Num.	600 rs.
Avulso	60 „

PORTO: — TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE: LARCO DE S. JOÃO NOVO N.º 12. (1838.)